



## ENCENAÇÕES DA ESCRITURA

*Mônica Genelhu Fagundes*<sup>1</sup>

*Viviane Vasconcelos*<sup>2</sup>

*Alda Maria Lentina*<sup>3</sup>

É um saber antigo, da prática dos poetas e da intuição dos leitores, bem como do olhar atento da teoria, que a poesia escreve sempre sobre si mesma, ainda que escreva também sobre outra coisa. Neste dossiê para a revista *Diadorim*, convidamos a pensar sobre obras em que esse movimento duplo se dobra e se superpõe em gesto autorreflexivo: quando aquele aparente *outro tema* da poesia é já seu modo de falar sobre si mesma. Artes poéticas, cenas de escrita e de leitura, metáforas do fazer poético, figurações do poeta e do(s) seu(s) trabalho(s): essas e outras encenações da escritura foram contempladas pelos pesquisadores de diferentes universidades do Brasil e de Portugal que contribuiram para formar um painel que mostra diferentes inflexões da poesia que se volta sobre si e assim se nos apresenta. Privilegiando o cenário português moderno e contemporâneo, que faz dessa elaborada metalinguagem um exercício constante, reúnem-se aqui artigos que estudam escrituras que dramatizam a si mesmas, especulando-se em imagem e alegorizando-se, para pensar sua feitura e seu lugar, seus princípios e seus meios de significação, sua especificidade e suas relações com outras práticas, outras artes e outros saberes.

O texto assinado por Deise Quintiliano Pereira e Marcos Vinício Guimarães Giusti revisita as relações entre poesia e filosofia à luz da reflexão de Alain Badiou e sua premissa de que o dizer do poema é sempre autorreferencial. Esse arcabouço teórico é então posto em diálogo com a criação de Fernando Pessoa e especificamente com a poesia de Alberto Caeiro, em que os pesquisadores identificam a manifestação de um pensamento-poema. Alexandre da Silva Rodrigues se debruça sobre a obra de Manuel António Pina, mostrando como uma série de questões do Modernismo português se fazem ali presentes, lembrando uma das mais conhecidas imagens do escritor contemporâneo: o poeta como um ladrão de túmulos, que digere restos de

---

1 Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [monicafagundes@letras.ufrj.br](mailto:monicafagundes@letras.ufrj.br)

2 Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [vvasconcelos@gmail.com](mailto:vvasconcelos@gmail.com)

3 Professora Assistente da Universidade de Dalarna, Suécia. E-mail: [alt@du.se](mailto:alt@du.se)

outros. A alegoria escatológica desvela a intertextualidade e a citação como operações e, mais ainda, princípios fundamentais da escritura, que, neste sentido, além de falar sobre si mesma, forja-se sobre si mesma.

A releitura como base da composição poética é contemplada em outros três artigos. Carina Marques Duarte flagra Manuel Alegre como leitor confesso de Camões: “vai-se a ver ele dita e eu passo a escrito”, e examina especialmente o modo como Portugal surge na poesia dos dois autores. Tomando como mote a imagem da viagem, também Maria Eduarda Miranda Paniago e Caio Gagliardi estudam a reescritura que Manuel Alegre faz da obra de Camões, encenada como uma viagem de leitura no livro *Vinte poemas para Camões*. E apontam que esse conjunto de poemas pode ser considerado, para além de uma reflexão sobre a obra do poeta quinhentista, um exercício à maneira portuguesa de pensar a linguagem poética em geral. Ainda na chave da intertextualidade, mas em sua radicalização contemporânea, que concebe a poesia como criação de um “gênio não original” (no dizer de Marjorie Perloff), Paulo Alberto da Silva Sales estuda as composições por apropriação e transmediação experimentadas por Patrícia Lino, dando especial atenção ao livro-álbum *I who cannot sing*, em que a poeta atua como uma “DJ das palavras”.

O lugar do poeta e, mais especificamente, o seu trabalho, estão no centro de três outros artigos. Marlon Augusto Barbosa retorna a Cesário Verde e, com ele, à fundação da modernidade literária em Portugal, e lê a cena de escrita montada no poema “Contrariedades”, que põe frente a frente o escritor e uma engomadeira tísica, as ações de escrever e de passar para fora. Reconhecendo na trabalhadora – mais uma das muitas abrigadas na poesia de Cesário – a figuração de uma *Ninfa em grisalha* (alegoria teórica elaborada a partir das reflexões de Aby Warburg e Georges Didi-Huberman), o pesquisador traz à tona a reflexão sobre o tempo e a história empreendida pelo poeta moderno, e explicita a sua atuação como trapeiro: aquele que recolhe restos do passado e com eles tensiona o presente. Os trabalhos domésticos e sua força crítica ressurgem no texto de Isabela Benassi, que observa sua representação e seus sentidos, inclusive operativos, na poesia de Adília Lopes e na pintura de Paula Rego, postas em diálogo e lidas à luz de teorias feministas.

Walter de Oliveira aborda outra atividade relegada a segundo plano pelo pensamento hegemônico: a brincadeira infantil, que se apresenta em *O dicionário do menino Andersen*, de Gonçalo M. Tavares, como trabalho afim à poesia, pela perspectiva poética diante do real e pelos deslocamentos que nele opera. Na “sociedade do cansaço” (na expressão de Byung-Chul Han), a poesia, sustentada por um olhar infantil, é reparadora ao conceder atenção e tempo às coisas do mundo. A consciência de que, por outro lado, só a poesia poderia dizer um mundo corroído pelo absurdo, naturalizado como o passar dos dias, parece estar na base da construção do romance *Dias úteis*, de Patrícia Portela, estudado por Carlos Roberto dos Santos Menezes,

que mostra como a narrativa se despe de uma lógica discursiva e se organiza por relações de analogia, funcionando poeticamente, por associação de imagens, traçando e exercitando paralelos entre jogo e representação literária.

Fecham o dossiê dois artigos sobre Fiama Hasse Pais Brandão que exploram a vertente autorreflexiva da sua poesia. Fernanda Drummond persegue uma teoria da imagem que vai sendo elaborada de poema a poema, mostrando como na criação de Fiama a imagem não constitui apenas material poético, mas lente e método da poesia, e como assume diante do real e da própria escritura um efeito corrosivo. Gabriel Guimarães Barbosa se concentra em figurações de árvores na obra de Fiama, reconhecendo-as como índices metapoéticos, imagens que incorporam a arte poética da escritora e a acionam nos versos em que surgem.

Aqui fica, portanto, essa amostra dos muitos e sempre renovados modos pelos quais a escritura se faz tema e objeto de pensamento de si própria, e das implicações que esse voltar-se para si tem sobre o olhar que a literatura lança para além, para o real, para a história – sempre mediado, consciente, crítico, graças a um inalienável, ainda que velado, gesto autorreflexivo.